

Ter alguém com quem contar: A percepção de adolescentes acerca do amor e do suporte do(a) parceiro(a) amoroso(a)

Ana Paula Heck Rodrigues

Adriana Wagner

Daniela Centenaro Levandowski

RESUMO

Embora interações com amigos e parceiros amorosos ganhem importância na adolescência, ainda há controvérsias acerca da profundidade e da qualidade da vinculação amorosa. Buscou-se avaliar a percepção de setenta adolescentes gaúchos (12 a 18 anos), de escolas públicas e privadas de Porto Alegre e Canoas/RS, acerca do amor e do suporte do(a) parceiro(a) amoroso(a), e verificar suas associações com características sociodemográficas. Aplicou-se individualmente, em sala de aula, um questionário de dados sociodemográficos, o Inventário de Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais e a Escala Triangular do Amor – Versão Reduzida. Os dados obtidos foram digitados em planilha no SPSS e analisados por meio de estatística descritiva e correlacional (Correlação de Spearman e comparação entre grupos via teste de Mann-Whitney, considerando as variáveis gênero, faixa etária, renda familiar, religião, escolaridade e presença ou não de relação sexual). Os adolescentes perceberam seus relacionamentos como importantes, considerando-os boa fonte de suporte, apresentando altos índices de intimidade, paixão e comprometimento e baixo nível de conflito. Encontrou-se associação positiva entre comprometimento e profundidade e intimidade e suporte, assim como entre maior idade e maior comprometimento. Ter relacionamento sexual associou-se a maior percepção de conflito e paixão. Os relacionamentos amorosos mostraram ser fonte de suporte para o desenvolvimento saudável desses adolescentes.

Palavras-chave: adolescência; relações interpessoais; apoio social; amor; relações amorosas.

ABSTRACT

Have somebody to count on: Adolescents' perception about love and support from a romantic partner

Although interactions with friends and romantic relationships become important during adolescence, there is still controversy about the depth and quality of adolescents' attachment to their romantic partners. The present study aimed to evaluate the adolescents' perception of love and their romantic partner's support, as well as to verify its possible associations with sociodemographic characteristics. Seventy adolescents (12 to 18 years old) from South Brazil, enrolled in public and private schools of Porto Alegre and Canoas/RS, fulfilled individually, at school, a sociodemographic data questionnaire, the Quality of Relationships Inventory and the Triangular Love Scale – Reduced Version. The collected data were entered into a spreadsheet in SPSS. Descriptive and correlational statistics analysis were performed (Spearman correlation and comparison between groups via Mann-Whitney test, considering the variables gender, age group, family income, religion, education level, and the presence or absence of sexual intercourse). The adolescents perceived their romantic relationships as important, as a good source of support, showing high levels of intimacy, passion and commitment, and low levels of conflict. A positive association was found between commitment and depth, and intimacy and support, as well as higher age and more advanced levels of commitment. Having a sexual relationship was associated with a higher perception of conflict and passion. Romantic relationships proved to be a source of support for the healthy development of these adolescents.

Keywords: adolescence; interpersonal relationships; social support; love; romantic relationships.

Sobre os Autores

A.P.H.R.
orcid.org/0000-0001-6866-4186
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) – Porto Alegre, RS
heckpaula@gmail.com

A.W.
orcid.org/0000-0002-0629-2310
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, RS
adrianaxwagner@gmail.com

D.C.L.
orcid.org/0000-0002-6338-7287
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) – Porto Alegre, RS
danielal@ufcspa.edu.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



A adolescência é marcada por mudanças nos vínculos com as figuras parentais e interações sociais, diminuindo a convivência com a família e aumentando com amigos e parceiros amorosos (Moyeda et al., 2013). Embora se considere os relacionamentos amorosos nessa etapa como efêmeros e superficiais, em concordância com o pensamento a respeito dos vínculos na contemporaneidade – rápidos, fluidos e pautados pela utilidade (Justo, 2005; Matos et al., 2005; Schmitt & Imbelloni, 2011; Sousa et al., 2012) –, isso não se confirma totalmente nos estudos que avaliam a qualidade da vinculação dos adolescentes aos parceiros amorosos. Nesse sentido, Collins (2003) destaca a necessidade de questionamento da crença de que esses relacionamentos seriam triviais e transitórios, estariam baseados exclusivamente nos modelos das relações pais-filhos e poderiam ter impacto negativo no desenvolvimento. Revisando pesquisas sobre o tema, Collins et al. (2009) encontraram evidências sobre a importância desses relacionamentos para o ajustamento e o desenvolvimento do adolescente. Recentemente, Gómez-López et al. (2019) constataram correlação positiva entre namoro e melhores níveis de relacionamento interpessoal positivo e desenvolvimento de vida de adolescentes.

Desse modo, mesmo tendo curta duração e menor profundidade e complexidade que os relacionamentos adultos, caracterizar os relacionamentos amorosos adolescentes como superficiais parece inadequado (Furman & Shaffer, 2003). Para Santos et al. (2017), este é um dos pontos centrais na vida dos adolescentes. Segundo os próprios adolescentes, o namoro é considerado um relacionamento sério, especial, que exige compromisso, fidelidade, intimidade e confiança (Duarte & Fornasier, 2020).

Contemporaneamente, as relações amorosas têm sido reconhecidas como fundamentais para o desenvolvimento social (Furman & Shomaker, 2008) e individual dos adolescentes, especialmente para a consolidação da identidade (Melo & Mota, 2013). Duarte e Fornasier (2020) salientam que namorar ainda é muito almejado por eles, pois relacionamentos curtos como o “ficar” podem gerar vazio e frustração.

Investigações sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos na adolescência têm sido embasadas na Teoria do Apego. Em termos gerais, essa teoria afirma a necessidade de desenvolvimento de laços de proximidade e segurança para a exploração do mundo (Bowlby, 2004; Custódio et al., 2010). A partir dos laços iniciais mãe/cuidador-bebê, desenvolve-se o modelo das futuras relações afetivas (Ribeiro & Sousa, 2002). Assim, em geral, adolescentes com vinculações parentais seguras relacionam-se do mesmo modo com seus parceiros amorosos (Matos & Costa, 2006). Contudo, conforme destacam Melo e Mota (2013), a qualidade da vin-

culação ao par amoroso também depende das experiências vivenciadas na própria relação e de características individuais do adolescente. Assim, tanto poderá haver correspondência entre padrões de vinculação estabelecidos com pais e parceiros amorosos (Greenberg et al., 1982; Matos & Costa, 2006; Melo & Mota, 2013) como também se poderá encontrar diferenças, já que se trata de relacionamentos diferentes. Relacionamentos com pais são assimétricos, visto que eles possuem mais poder e autoridade, enquanto relacionamentos com parceiros amorosos e amigos são mais simétricos e se desenvolvem de modo voluntário, podendo ser finalizados em qualquer tempo (Furman & Shomaker, 2008).

Nessa direção, um estudo observacional, realizado com 32 adolescentes norte-americanos, demonstrou diferenças entre as interações estabelecidas com parceiros amorosos, amigos e mães. Embora as mães tenham mostrado mais habilidades comunicativas e afetivas, as respostas dos adolescentes para elas foram menos afetivamente positivas do que para amigos e parceiros amorosos (Furman & Shomaker, 2008). Segundo os autores, esse padrão sugere a maior probabilidade de os adolescentes corresponderem, em níveis de comprometimento, aos pares, amigos e parceiros amorosos, enquanto pode ocorrer um desajuste no nível de afeto e capacidade de resposta em relação às mães. Em função disso, talvez os adolescentes idealizem seus parceiros amorosos, superestimem o seu suporte ao avaliarem esses relacionamentos, e minimizem a importância da relação com as mães. Entretanto a menor frequência de interações negativas com os parceiros amorosos pode ainda decorrer do fato de essas relações serem consideradas mais ameaçadoras, por estarem pautadas em bases mais frágeis, quando comparadas às relações pais-filhos (Furman & Shomaker, 2008).

Dessa maneira, conforme Matos et al. (2001), utilizar as famílias como ponto de referência em pesquisas sobre a vinculação do adolescente é um viés que precisa ser superado com a avaliação direta da percepção deles sobre a relação amorosa. Conforme Barth et al. (2017), existe um déficit de estudos brasileiros sobre relacionamentos amorosos na adolescência, especialmente quanto à percepção do funcionamento e da qualidade dessa relação. Estudos sobre o tema são relevantes por se tratar de um fenômeno típico do desenvolvimento nessa etapa da vida, que adquire muita importância no desenvolvimento emocional e social dos adolescentes. O foco na qualidade dos relacionamentos amorosos permite questionar o olhar patologizador ou pessimista sobre os vínculos nesse grupo etário. Assim, este estudo buscou avaliar a percepção de adolescentes acerca do amor e do suporte de seu parceiro amoroso, bem como verificar eventuais associações entre essas variáveis e características sociodemográficas.

MÉTODO

Delineamento e Participantes

Trata-se de um estudo de levantamento (Shaughnessy et al., 2012), quantitativo, transversal, de caráter descritivo e correlacional, no qual foram coletados dados por meio de escalas/questionários, em um período delimitado de tempo, com foco na descrição dos achados e na busca de associação entre as variáveis de interesse. Esse delineamento foi escolhido devido à ausência de estudos sobre o tema no contexto brasileiro, o que justificou a escolha de um design exploratório e descritivo, para o levantamento de algumas características que permitissem uma compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido. Sendo assim, esse delineamento permitiu o mapeamento de algumas características sociodemográficas dos adolescentes e do funcionamento das suas relações amorosas, bem como a análise de possíveis relações entre variáveis sociodemográficas e relacionais.

Participaram 70 adolescentes gaúchos, sendo 48 do sexo feminino (68,6%), com média de idade de 15,03 anos (DP=1,43). A amostra foi selecionada por conveniência em escolas da rede pública e privada de Porto Alegre e Canoas/RS e por meio de divulgação do estudo entre a rede de contato da equipe de pesquisa, caracterizando uma amostra não probabilística (Shaughnessy et al., 2012).

Dos 70 adolescentes, 55,7% (N=39) cursavam o Ensino Fundamental e 44,3% (N=31) cursavam o Ensino Médio. Eles em geral não trabalhavam (75,7%, N=53) e não tinham filhos (100%). A renda média familiar predominante, informada pelos adolescentes, foi de 1 a 3 salários-mínimos (46,3%, N=19) e, em média, eles residiam com 4,06 (DP=1,80) pessoas. No que se refere à religião, 50% (N=35) declararam-se católicos, sendo que 45,8% (N=32) se disseram “pouco” ou “mais ou menos” praticantes.

Em relação ao estado civil dos pais, 60% (N=42) eram separados e 34,3% (N=24) eram casados e residiam na mesma casa. Dos 70 adolescentes, 32,9% (N=33,3%) declarou realizar psicoterapia, sendo terapia individual em 87% dos casos (N=20). Já 31,3% (N=20) possuíam familiares que faziam terapia, especialmente mães (31,6%, N=6) e irmãos (26,3%, N=5). O principal motivo de busca de terapia pelos familiares foi a presença de conflitos familiares (33,3%, N=6).

Todos os participantes integraram um estudo maior, intitulado “Relações amorosas de adolescentes gaúchos: Avaliação e intervenção psicossocial” (Levandowski & Wagner, 2010), cuja coleta de dados foi desenvolvida em 13 escolas de Porto Alegre e Canoas/RS escolhidas por conveniência (quatro da rede privada e nove da rede pública de ensino). Os participantes foram contactados nas escolas e deveriam ter entre 12 e 18 anos e apresentar a autorização de um responsável para participar. Os jovens poderiam ou não estar envolvidos em um relacionamento amoroso no momento da coleta

de dados, mas deveriam ter tido algum relacionamento ao longo da vida. Por outro lado, não poderiam apresentar deficiência intelectual ou condição que os impedisse de responder aos instrumentos, tendo isso sido observado pela equipe de pesquisa no momento de divulgação do estudo nas salas de aula. A equipe das escolas foi contactada para a obtenção de informações desta natureza previamente à divulgação do estudo nas turmas. Entretanto, em nenhuma das turmas nas quais o estudo foi divulgado foram encontrados adolescentes com essas características.

Embora 380 adolescentes tenham integrado o projeto maior, para este estudo, selecionou-se apenas os casos em que não se detectou missing em nenhum dos itens das escalas analisadas, isto é, cujos dados eram válidos.

Instrumentos

Ficha de Dados Sociodemográficos (adaptada de Wagner & Mosmann, 2010) para caracterizar a amostra.

Inventário da Qualidade das Relações Interpessoais (IQRI): o Quality of Relationships Inventory (QRI) foi desenvolvido por Pierce et al. (1991) e solicita que os participantes reflitam sobre o relacionamento com uma pessoa importante em suas vidas, no caso deste estudo, o(a) parceiro(a) amoroso(a). Composto por 25 itens, avalia a percepção de suporte, profundidade e conflito no relacionamento. A subescala Suporte (7 itens) mede a percepção do respondente sobre a confiança no parceiro para obter ajuda e a disponibilidade de suporte social percebida no relacionamento. A subescala Profundidade (6 itens) avalia até que ponto um relacionamento é percebido como positivo e importante, enquanto a subescala Conflito (12 itens) avalia sentimentos de raiva e ambivalência em relação ao parceiro amoroso. Os itens são respondidos em escala Likert de 4 pontos, variando de “De modo algum/Nada” a “Sempre/Totalmente” (Verhofstandr et al., 2006). Devido à ausência de estudos no Brasil, fez-se um processo de tradução-retradução da versão original do IQRI do inglês para o português brasileiro e vice-versa, com professores de inglês (nativos e não nativos) e pesquisadores psicólogos com domínio das duas línguas, bem como posterior revisão da equipe de pesquisa, visando garantir a adequação de conteúdo. O cálculo da consistência interna do IQRI referente ao total de itens (N=25) apontou um valor de 0,73, que indica ser razoável. A consistência interna das subescalas foi de: 0,79 (suporte), 0,71 (conflito) e 0,81 (profundidade). A normalidade da escala foi verificada pelo teste K-S.

Escala Triangular do Amor – Reduzida (ETA-R): originalmente desenvolvida por Sternberg (1997) com 45 itens, distribuídos igualmente em três fatores (intimidade, paixão e compromisso). Utilizou-se a versão reduzida e validada por Overbeek et al. (2007) para uma amostra de adolescentes holandeses, composta por 19 itens, distribuídos nas dimensões: intimidade (7 itens), paixão (6 itens), e compromisso (6 itens). As respostas são em uma escala Likert de 7 pontos,

variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”. Intimidade refere-se a sentimentos de proximidade e conectividade (componente emocional). Paixão engloba sentimentos de romance, atração e sexualidade (componente motivacional) e Comprometimento abrange a decisão de permanecer envolvido e manter um relacionamento de longo prazo em potencial (componente cognitivo). Devido à ausência de estudos no Brasil com essa versão da escala, fez-se o mesmo processo de tradução-retradução referido para o IQRI. Obteve-se uma alta consistência interna (alpha de Cronbach = 0,89) para a escala total. Nas subescalas, os valores alcançados foram de 0,88 (intimidade), 0,81 (paixão) e 0,77 (comprometimento).

Procedimentos de Coleta de Dados

Após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e a autorização da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (SEC/RS) e da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED-Porto Alegre), foram feitos contatos com diferentes escolas da rede pública (municipal e estadual) e privada de ensino. As escolas foram escolhidas por conveniência, conforme a abertura para a proposta do estudo demonstrada em um primeiro contato telefônico. Com a autorização da direção das escolas, os pesquisadores divulgavam o estudo em diferentes turmas e retornavam à escola em novas ocasiões para a aplicação dos instrumentos nos adolescentes que apresentavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis. Não houve desistência ou exclusão de participantes dentre aqueles que trouxeram o TCLE assinado pelos pais. Entretanto, a taxa de retorno do TCLE assinado foi de aproximadamente 20%, variando conforme cada turma e escola.

A coleta foi feita em sala de aula destinada a este fim. Os instrumentos foram organizados como um único formulário e cada participante levou de 30 a 45 minutos para respondê-los. Ao final, o formulário foi depositado em um envelope pardo, lacrado e numerado (sendo esse o número de identificação no estudo), e entregue para a equipe de pesquisa, a fim de manter o anonimato. Os registros dos dados foram feitos no SPSS versão 16.0 e foi realizada uma checagem dupla desta digitação por pessoas cegas aos procedimentos de coleta, no intuito de corrigir eventuais erros.

Procedimentos de Análise dos Dados

Os resultados foram apresentados por meio de medidas descritivas, como média, mediana, desvio-padrão, frequência absoluta e percentual. A normalidade das variáveis foi analisada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S). A medida de alfa de Cronbach foi utilizada para avaliar a consistência interna das escalas e subescalas do IQRI e da ETA-R. As cor-

relações entre as subescalas foram verificadas pela Correlação de Spearman e a comparação entre grupos (gênero, faixa etária, renda, religião, escolaridade e presença ou não de relação sexual) via teste de Mann-Whitney. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$) e as análises foram realizadas com auxílio do software estatístico SPSS versão 23.

Considerações Éticas

O projeto foi aprovado pelo CEP da UFCSPA (Parecer 1321-11) e foi analisado pela SEC-RS, SMED-Porto Alegre e equipe diretiva de cada escola. Os responsáveis assinaram o TCLE e os adolescentes também expressaram a sua concordância com a participação por meio da assinatura de um Termo de Assentimento. Os instrumentos utilizados não representaram riscos e não houve intercorrências na coleta de dados. Foram seguidas todas as recomendações éticas para a realização de pesquisas com seres humanos vigentes à época da obtenção da aprovação ética para a realização do estudo, contidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012).

RESULTADOS

Na Tabela 1, verifica-se que, no IQRI, as médias dos participantes foram altas para as dimensões suporte ($M=3,36$) e profundidade ($M=3,20$) e baixas para a dimensão conflito ($M=1,88$). Já na ETA-R os adolescentes apresentaram altos índices de intimidade ($M=6,02$), paixão ($M=5,93$) e comprometimento ($M=4,70$).

Tabela 1

Média, desvio-padrão e mediana das subescalas do IQRI e da ETA-R

Domínios IQRI*	Média	Desvio Padrão	Mediana
Suporte	3,36	0,55	3,57
Profundidade	3,20	0,57	3,33
Conflitos	1,88	0,43	1,83
Domínios ETA-R**	Média	Desvio Padrão	Mediana
Intimidade	6,02	1,01	6,36
Paixão	5,93	0,99	6,17
Comprometimento	4,70	1,35	4,83

Nota: *Média da Escala Likert de 4 pontos. N=70. ** Média da Escala Likert de 7 pontos. N=64.

Na análise de correlação de Spearman (Tabela 2), para verificar a associação entre as escalas, encontrou-se correlação positiva entre comprometimento e profundidade ($r=0,747$) e entre intimidade e suporte ($r=0,575$). Já a dimensão conflito correlacionou-se negativamente com intimidade ($r=-0,276$) e comprometimento ($r=-0,274$).

Tabela 2

Resultados da Correlação de Spearman entre dimensões do IQRI e da ETA-R

		ETA-R- Intim- idade	ETA- R- Paixã o	ETA-R- Comprometimen- to
IQRI_Suporte	R	0,576	0,417	0,410
	P	0,000	0,001	0,001
IQRI_Profundidad e	R	0,471	0,394	0,747
	P	0,000	0,001	0,000
IQRI_Conflito	R	-0,276	- 0,065	-0,274
	P	0,027	0,611	-0,029

Quanto às associações entre as subescalas do IQRI e da ETA-R e variáveis sociodemográficas, não foram encontradas diferenças significativas quanto ao sexo do adolescente, nível de escolaridade, renda familiar e religião. Foi encontrada diferença significativa na dimensão comprometimento de acordo com a faixa etária ($p=0,007$): adolescentes com mais de 15 anos mostraram maior escore mediano em comparação àqueles de até 15 anos ($MD= 5,50$, $DP=1,20$ e $MD=4,67$, $DP=1,34$ respectivamente). Ainda, adolescentes mais velhos tenderam a apresentar maior escore mediano quanto à profundidade em comparação aos mais novos ($MD= 3,50$, $DP=0,51$ e $MD=3,17$ e $DP=0,59$; $p=0,063$, respectivamente). Para os demais domínios, não foram observadas diferenças significativas quanto à faixa etária.

Por fim, foi encontrada associação entre já ter tido relação sexual e as subescalas paixão ($p=0,000$) da ETA-R e conflito ($p=0,002$) do IQRI: adolescentes que já haviam tido relação sexual apresentaram maiores escores nessas duas subescalas em comparação aos demais (ver Tabela 3).

Tabela 3

Média, Mediana e Desvio-padrão entre Relação Sexual e as subescalas do IQRI e ETA-R.

		IQRI S	IQRI P	IQRI C	ETA -RI	ETA -RP	ETA -RC	
Tivera m relaçõe s sex- uais	Sim*	Média	3,47	3,34	2,01	6,10	6,24	5,03
		Medi- ana	3,57	3,33	2,00	6,43	6,50	5,25
		DP	0,47	0,46	0,42	1,08	0,98	1,19
Não**	Média	3,39	3,25	1,66	6,14	5,56	4,92	
	Medi- ana	3,71	3,33	1,67	6,29	5,75	5,00	
	DP	0,49	0,58	0,37	0,82	0,82	1,07	

Legenda: *N=37. **N=21. IQRIS: IQRI Suporte. IQRIP: IQRI Profundidade. IQRIC: IQRI Profundidade. ETA-R I: ETA-R Intimidade. ETA-R P: ETA-R Profundidade. ETA-R C: ETA-R Comprometimento. DP: desvio padrão.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo indicaram que os relacionamentos amorosos dos adolescentes pesquisados parecem ser (ou terem sido) importantes para eles, já que foram encontrados altos índices de suporte, profundidade, intimidade, paixão e comprometimento, e baixo índice de conflito. Esses achados concordam com a literatura quanto ao fato de as experiências amorosas dos adolescentes nem sempre serem superficiais e irrelevantes, o que retrata a sua importância para o desenvolvimento nessa etapa da vida (Collins et al., 2009; Furman & Shaffer, 2003; Furman & Shomaker 2008; Meier & Allen, 2009; Melo & Mota, 2013).

Os achados permitiram verificar correlação entre as dimensões do IQRI (suporte e profundidade) e da ETA-R (intimidade, paixão e comprometimento). Particularmente, comprometimento e profundidade correlacionaram-se fortemente, indicando que a decisão de permanecer envolvido no relacionamento, mantê-lo a longo prazo e ter a certeza de amar e ser amado (Sternberg, 1997) está relacionada a percebê-lo como positivo e importante. Por outro lado, perceber o relacionamento como positivo e importante pode despertar o desejo de permanecer envolvido, visto que relacionamentos românticos de longa duração parecem estar positivamente associados à satisfação conjugal (Acevedo & Aron, 2009), e que esta, por sua vez, está positivamente relacionada à percepção de compromisso (Rizzon et al., 2013).

Já a correlação encontrada entre intimidade e suporte indica que, quanto maior for o sentimento de proximidade e conexão no relacionamento, maior também é a confiança e a percepção de suporte do parceiro. Estes achados são coerentes, pois a presença de bons níveis de intimidade pode indicar mais liberdade para a solicitação de apoio do parceiro, como apontado em estudos sobre apoio social (Nieder & Seiffge-Krenke, 2001). Em outro sentido, confiar no parceiro e sentir-se apoiado por ele pode contribuir para a abertura à intimidade e à autorrevelação do adolescente (Sprecher & Hendrick, 2004), visto que o desenvolvimento da intimidade implica uma relação baseada na confiança mútua, com uma percepção positiva do parceiro e do espaço para a autorrevelação (Lopes, 2012).

Por outro lado, o baixo índice de conflito mostrou-se diretamente relacionado com maiores índices de intimidade e comprometimento. Parece que, quando o adolescente entende que o relacionamento não é muito conflituoso, pode revelar-se mais e desejar permanecer nele envolvido. Ao contrário, estabelecer um relacionamento íntimo e comprometido pode transmitir segurança ao adolescente, evitando alguns motivos de conflito, como o ciúme, ao mesmo tempo em que facilita o desenvolvimento da capacidade de comunicação e resolução de conflitos entre o casal (Lopes, 2012).

Considerando separadamente os achados obtidos nas duas escalas, os altos índices de intimidade e paixão encontrados, que se referem a sentimentos de proximidade, conexão e vínculo, bem como aos impulsos que levam ao romance, à atração física e à relação sexual (Sternberg, 1986), demonstram um envolvimento emocional dos adolescentes pesquisados com seus parceiros amorosos. Esses achados podem refletir o fenômeno do apaixonamento na adolescência, a partir do qual existe o investimento em uma figura amorosa e o desejo de estar próximo e conectado a ela (Carswell & Impett, 2021), inclusive sexualmente, como também foi observado no presente estudo, pois a ocorrência de relação sexual relacionou-se a escores mais altos do componente paixão. Estudos futuros poderiam investigar se o adolescente se percebe apaixonado pela pessoa com quem está se relacionando amorosamente e com quem teve as primeiras experiências sexuais ou se esse sentimento se fortalece a partir dessas experiências de intimidade sexual e emocional, para complementar a compreensão desses achados.

Particularmente, adolescentes com mais de 15 anos mostraram uma tendência de escores médios mais elevados na dimensão profundidade (IQR1), o que também foi observado nos escores de comprometimento (ETA-R). Esses resultados concordam com o que foi observado por Barth et al. (2017) na análise da cronologia das manifestações amorosas de adolescentes gaúchos. Na amostra estudada pelas autoras, a partir dos 14-15 anos é que de fato os relacionamentos amorosos se estabelecem e assumem caráter de compromisso, já que no período anterior o interesse romântico parece ser

mais casual e pouco contínuo. Além disso, conforme indicado por Bouchey & Furman (2006), nessa faixa etária, os adolescentes interagem mais com parceiros românticos do que com pais, irmãos e amigos. Desse modo, é esperado que o comprometimento e a profundidade aumentem conforme a idade avança.

Esses dados concordam também com a teoria contextual-desenvolvimentista sobre a adolescência proposta por Brown (1999), que afirma que a maioria das relações amorosas inicia por volta dos 14 a 16 anos, já que antes o adolescente precisa desenvolver habilidades e vivenciar aprendizagens que lhe possibilitem lidar com os desafios desse tipo de relacionamento. Na sequência de desenvolvimento proposta pelo autor, por volta dos 15 anos, os adolescentes já teriam ultrapassado a fase inicial dos envoltimentos amorosos, que engloba o desenvolvimento puberal e o novo interesse pelo sexo oposto, e estariam vivenciando a segunda fase (de status), que envolve o desenvolvimento da confiança para interagir com possíveis parceiros românticos e negociar relacionamentos a curto prazo, assim como para lidar com a pressão para escolher os “tipos certos” de relacionamento, com as “pessoas certas”, e para começar e terminar essas relações de maneira socialmente aceitável. Após isso, o adolescente pode arriscar viver um nível mais profundo e mais substancial de relacionamento (terceira fase – de afeição). Desse modo, pode-se pensar que os adolescentes do presente estudo estavam atravessando a segunda fase, visto que percebem seus relacionamentos amorosos com qualidade, embora ainda tenham sido verificados níveis menores de comprometimento em relação a outros índices do ETA-R.

Nesse sentido, considerando globalmente os achados do presente estudo, foram encontrados maiores índices de intimidade e paixão e menores índices de comprometimento entre os respondentes, indicando que essa última dimensão pode refletir uma conquista desenvolvimental da idade adulta jovem, conforme referido por Erikson (1976) ao teorizar sobre a crise psicossocial intimidade x isolamento. De fato, a adolescência tem sido compreendida como um período de moratória social, isto é, de experimentação sem comprometimento definitivo (Erikson, 1976), o que pode explicar a correlação positiva encontrada entre essa dimensão do instrumento e a variável idade, com adolescentes com mais de 15 anos tendo alcançado maiores escores, embora, ainda assim, inferiores aos escores encontrados entre universitários (Mônego & Teodoro, 2011) e adultos (Karwowski-Marques, 2008). Cabe destacar que, nesses estudos, foram encontrados maiores índices de intimidade e comprometimento em comparação aos índices de paixão, parcialmente contrários aos achados do presente estudo.

De toda forma, interessante destacar que mesmo os escores alcançados na dimensão Comprometimento poderiam não ser esperados no presente estudo, considerando, para além das características etárias, a forma como as relações

amorosas têm se configurado na contemporaneidade. A literatura tem indicado a transitoriedade dessas relações, o foco no prazer passageiro e na satisfação instantânea, na individualidade e na utilidade, com pouco esforço, espaço e tempo para o desenvolvimento de laços mais profundos (Bauman, 2004). Na adolescência, isso se mostra por relações pautadas na atração física, com o objetivo de diversão e ampliação das interações sociais, como indicado no estudo realizado por Brêtas et al. (2017). Sendo assim, em certa medida, os achados do presente estudo contrariam essa perspectiva, concordando com outros estudos que demonstram a coexistência de diferentes padrões de envolvimento amoroso na adolescência, variando desde relações e sentimentos eventuais até aqueles mais duradouros e comprometidos (Araújo, 2011; Hoffmeister et al., 2019). Seria relevante investigar, em futuros estudos, como se configura o comprometimento nas relações amorosas de adolescentes, a fim de compreender suas especificidades em função das características desenvolvimentais dessa etapa da vida, em comparação ao comprometimento encontrado nas relações amorosas de indivíduos adultos.

Foi encontrado maior nível de paixão entre adolescentes que já haviam tido relações sexuais, o que está de acordo com o que esse componente representa, pois se refere aos impulsos que levam ao romance, à atração física e à consumação sexual (Sternberg, 1986). Por outro lado, ter tido relação sexual também se mostrou associado a maior nível de conflito com o parceiro amoroso, achado que concorda com o estudo de Rostosky et al. (2000), que examinou a associação entre comportamentos sexuais e qualidade do relacionamento, utilizando o QRI, entre 61 adolescentes (18 a 19 anos) norte-americanos e seus parceiros. Naquele estudo, a relação sexual estava associada à percepção de níveis mais altos de conflito e frustração para participantes homens e mulheres. Provavelmente o fato de a relação sexual envolver maior interdependência e, desta maneira, poder representar para o casal maior investimento no relacionamento amoroso, também é o que permite tolerar uma maior intensidade de conflito. Pode-se pensar ainda que a sexualidade envolve questões potencialmente conflitivas para o casal, como negociações sobre uso de preservativo, frequência etc. Em conjunto, esses achados reforçam a complexidade do tema sexualidade, que deve ser visto como um processo que possibilita a aquisição progressiva de maiores níveis de intimidade ao longo do tempo (Tronco & Dell'Aglio, 2012).

Para Hernandez (1999), com base na perspectiva de Sternberg, um relacionamento amoroso completo é aquele composto por intimidade, paixão e compromisso. Apesar de pequenas diferenças nos escores, esse foi o tipo de amor que os resultados indicaram entre os adolescentes pesquisados, que perceberam seu parceiro(a) como fonte de apoio. Overbeek et al. (2007), ao realizarem o estudo de validação da ETA-R com adolescentes holandeses, também encontraram associação positiva entre altos índices de intimidade, paixão

e comprometimento e satisfação com o relacionamento amoroso. Os autores também identificaram que o envolvimento dos adolescentes em relacionamentos mais duradouros e com contatos mais frequentes com os parceiros associou-se a uma percepção de maior comprometimento, o que poderia ser analisado em pesquisas futuras.

Por sua vez, no presente estudo, não foi encontrada correlação entre o gênero do respondente e os escores de intimidade, paixão e comprometimento, o que também foi observado em estudos nacionais anteriores (Karwowski-Marques, 2008; Mônico & Teodoro, 2011), que indicaram semelhanças na percepção de amor entre homens e mulheres. Também não se encontrou diferenças de gênero em relação à percepção de suporte do parceiro, achado que se contrapõe a estudos anteriores. Um destes, realizado com 98 casais universitários norte-americanos (média de 19 a 20 anos), empregando o QRI, encontrou entre as mulheres uma classificação mais alta da qualidade do relacionamento em comparação aos parceiros, enquanto estes avaliaram o relacionamento como mais conflituoso do que elas (Brackett et al., 2005). Já em estudo realizado por Reiner et al. (2012) com alemães entre 18 e 89 anos (média de idade = 52 anos), selecionados randomicamente, as mulheres perceberam seus relacionamentos como de menor suporte do que os homens, não havendo diferenças entre os gêneros em relação à percepção de conflito e profundidade. A ausência de diferenças de gênero na percepção de amor e de qualidade do relacionamento verificada no presente estudo pode ser reflexo das mudanças nas relações de gênero, com o surgimento de novos modelos de sexualidade e de amor, que contribuem para a reconfiguração dos papéis das mulheres e dos homens na sociedade (Neves, 2007). Assim, os adolescentes parecem estar expressando uma tendência para um comprometimento afetivo e emocional mais igualitário.

Ainda no que se refere às características sociodemográficas, interessante pensar que os respondentes em geral provinham de famílias de pais separados. Embora não tenha sido encontrada associação entre essa característica familiar e os demais achados do estudo, sabe-se das repercussões da relação interparental (especialmente do conflito interparental) nas experiências amorosas dos adolescentes (Cui & Fincham, 2010; Simon & Furman, 2010; Singh & Thomas, 2022; Tyrell et al., 2016; Walper & Wendt, 2015) e mesmo no seu ajustamento em geral, impactando nas relações com seus pares, que seriam potenciais parceiros amorosos (Koçak et al., 2017). Nesse sentido, pode-se pensar que a vivência de uma separação dos genitores pode ter impulsionado os adolescentes na busca por relações satisfatórias com seus parceiros amorosos. De outro modo, também cabe um questionamento a respeito do quanto essa vivência de separação dos pais pode contribuir para a idealização da relação amorosa dos respondentes, especialmente devido às características desenvolvimentais dessa etapa da vida, como a onipotência e o fantasiar (Leuzinger-Bohleber & Montigny, 2021). Ainda a esse res-

peito, o fato de aproximadamente 30% dos respondentes receberem algum tipo de atendimento psicológico e/ou a mesma proporção de membros da família receberem permite pensar no papel protetivo dessa condição para o estabelecimento de relações amorosas satisfatórias pelos adolescentes, pela possibilidade de ressignificar as experiências familiares.

Assim, considerando o exposto, os achados deste estudo, de forma geral, demonstraram um panorama positivo, principalmente porque o suporte recebido do parceiro amoroso pode repercutir positivamente nas futuras relações amorosas dos respondentes (Salerno et al., 2015). De fato, para Meier e Allen (2009), as relações amorosas dessa etapa da vida são essenciais para as relações românticas posteriores, pois permitem o desenvolvimento de aptidões úteis para os relacionamentos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo considerou como foco de investigação uma faceta positiva do desenvolvimento na adolescência: a percepção sobre o amor e o suporte do(a) parceiro(a) amoroso(a). Os resultados encontrados indicam que os adolescentes qualificam seus relacionamentos positivamente, demonstrando a relevância dessas relações para o seu desenvolvimento. De fato, os resultados encontrados desafiam as concepções mais comuns sobre as relações amorosas na adolescência serem superficiais e pouco relevantes, tanto por características da fase como por características do contexto social contemporâneo. Os adolescentes, especialmente a partir dos 15 anos, mostraram-se envolvidos emocionalmente e comprometidos com seus parceiros amorosos, considerando-os como fontes de suporte.

Dessa forma, entende-se como as relações amorosas são relevantes nessa etapa da vida, pois o fato de os parceiros amorosos serem vistos como fontes de suporte permite aos adolescentes contarem com mais uma fonte de cuidado, para além de familiares e amigos. A intimidade sentida nesses relacionamentos possibilita aos adolescentes se sentirem confortáveis para expressarem suas características, ideias e sentimentos, propiciando o desenvolvimento de habilidades de relacionamento interpessoal relevantes. Também não se pode esquecer de quão positivo para os adolescentes é estar em uma relação e sentir a noção de pertencimento social. Em conjunto, essa experiência tem repercussões importantes sobre a autoconfiança, a autoestima e a inteligência emocional dos adolescentes, impulsionando positivamente o seu desenvolvimento em diferentes âmbitos (pessoal, social, cognitivo, emocional).

Estes resultados podem contribuir para a elaboração de ferramentas de promoção e prevenção da saúde (especialmente da saúde conjugal) e do desenvolvimento na adolescência. Intervenções com o intuito de reforçar esse papel de

apoio dos parceiros, ou mesmo voltadas à sexualidade, mas com espaço para a abordagem desse tema por meio de técnicas vivenciais, parecem ser relevantes e promissoras para a saúde e o desenvolvimento integral do adolescente. Nessa perspectiva, é importante pensar na escola como espaço de reflexão e questionamento não apenas dos papéis de gênero como também dos comportamentos afetivos e sexuais dos adolescentes.

Apesar de relevantes, os achados deste estudo devem ser considerados com cautela, pois, embora a amostra tenha sido variada nos quesitos idade e realidade escolar (rede pública e privada), ainda assim é pequena e restrita a duas cidades. Mesmo com o esforço da equipe de pesquisa para a coleta de dados, este tamanho amostral decorreu da falta de preenchimento dos instrumentos pelos adolescentes, talvez por falta de persistência ou atenção, já que, como parte do estudo maior do qual estes dados derivam, outros instrumentos eram também aplicados. Estudos futuros podem ampliar o tamanho amostral e incluir participantes de outros contextos socioculturais, uma vez que as relações amorosas sofrem influência de características dessa natureza.

Importante também considerar, na leitura dos achados do estudo, a questão da desejabilidade social, que pode ter repercutido sobre as respostas dos adolescentes, especialmente nas questões sobre conflito ou falta de suporte do parceiro. Estratégias deverão ser empregadas em estudos futuros para lidar com essa questão.

Por fim, pesquisas futuras poderiam analisar a influência da idade e do tempo de envolvimento na percepção dos adolescentes em relação à qualidade do relacionamento e do amor, incluindo participantes adultos. Particularmente, no presente estudo, não houve diferenciação entre quem estava envolvido em um relacionamento amoroso no momento da coleta de dados e quem já esteve envolvido anteriormente. Estudos futuros poderiam fazer essa diferenciação, para entender em que medida as percepções atuais ou evocadas retrospectivamente podem representar diferentes cenários das relações amorosas na adolescência. Ainda, pesquisas em que as perspectivas de ambos os adolescentes sobre a sua relação amorosa sejam investigadas concomitantemente permitirão uma compreensão mais global do funcionamento e da qualidade dessas relações.

REFERÊNCIAS

- Acevedo, B. P., & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? *Review of General Psychology, 13*(1), 59–65. <http://doi.org/10.1037/a0014226>
- Araújo, L. M. (2011). Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. *Fiocruz*. <http://doi.org/10.1590/S1413-81232012000900035>

- Barth, B., Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2017). Descrição cronológica das manifestações amorosas de adolescentes do sul do Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(3), 287–301. <http://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n3p287-301>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. (Tradutor: Carlos Alberto Medeiros). Zahar.
- Bouchey, H. A., & Furman, W. (2006). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams & M. D. Berzonsky (Orgs.), *Blackwell Handbook of Adolescence* (pp. 313–329). Blackwell. <http://doi.org/10.1002/9780470756607>
- Bowlby, J. (2004). *Apego*. (4ª ed., v. 2). (Tradutor Leonidas Hegenberg). Martins Fontes.
- Brackett, M. A., Warner, R. M., & Bosco, J. S. (2005). Emotional intelligence and relationship quality among couples. *Personal Relationships*, 12, 197–212. <https://doi.org/10.1111/j.1350-4126.2005.00111.x>
- Brêtas, J. R. S. (2010). Vulnerabilidade e adolescência. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras*, 10(2), 89–96. <http://dx.doi.org/10.31508/1676-3793201000011>
- Brêtas, J. R. S., Moraes, S. P., Zanatta, L. F., Freitas, M. J. D., Godoi, A. M. L., & Ricardo, L. S. (2017). Relações sem compromisso entre adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 28(1), 31–38. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v28i1.6>
- Brown, B. B. (1999). "You're going out with who?": Peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Orgs.), *Cambridge studies in social and emotional development: The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 291–329). Cambridge University. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316182185>
- Carswell, K. V., & Impett, E. A. (2021). What fuels passion? An integrative review of competing theories of romantic passion. *Social and Personality Psychology Compass*, 15(8), 1–17. <https://doi.org/10.1111/spc3.12629>
- Collins, W. A. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 1–24. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.1301001>
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 631–651. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163459>
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.
- Cui, M., & Fincham, F. D. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationship. *Personal Relationships*, 17(3), 331–343. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01279.x>
- Custódio, S., Domingues, C., Vicente, L., Silva, M., Dias, M., & Coelho, S. (2010). Autoconceito/auto-estima e vinculação nas relações de namoro em estudantes do ensino secundário. *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Minho, Portugal.
- Duarte, A. D. B. S., & Fornasier, R. C. (2020). *Namoro e adolescência na contemporaneidade*. Dialética.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade: juventude e crise*. (Tradutor Álvaro Cabral). Zahar.
- Furman, W., Brown, B. B., & Feiring, C. (1999). *The development of romantic relationships in adolescence*. Cambridge University Press.
- Furman, W., & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. In P. Florsheim (Org.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 3–22). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Furman, W., & Shomaker, L. B. (2008). Patterns of interaction in adolescent romantic relationships: Distinct features and links to other relationships. *Journal of Adolescence*, 31(6), 771–788. <https://doi.org/10.1016%2Fj.adolescence.2007.10.007>
- Gómez-López, M., Viejo, C., & Ortega-Ruiz, R. (2019). Psychological well-being during adolescence: Stability and association with romantic relationships. *Frontiers in Psychology*, 10, 1772. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01772>
- Greenberg, M. T., Siegel, J. M., & Leitch, C. J. (1982). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12(5), 373–386. <https://doi.org/10.1007/BF02088721>
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: Análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9, 15–25.
- Hoffmeister, A., Müller Carvalho, L., & Marin, A. H. (2019). Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 19(3), 1–14. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529>
- Justo, J. S. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 17(1), 61–77. <http://doi.org/10.1590/S0104-80232005000100005>
- Karwowski-Marques, A. P. M. (2008). *Percepções sobre o amor, a qualidade e a satisfação com o relacionamento de casais* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Koçak, A., Mouratidis, A., Sayil, M., Kindap-Tepe, Y., & Uçanok, Z. (2017). Interparental conflict and adolescents' relational aggression and loneliness: The mediating role of maternal psychological control. *Journal of Child and Family Studies*, 26, 3546–3558. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0854-x>

- Levandowski, D. C., & Wagner, A. (2010). *Relações amorosas de adolescentes gaúchos: Avaliação e intervenção psicossocial*. Projeto de pesquisa não publicado. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- Leuzinger-Bohleber, M., & Montigny, N. (2021). The pandemic as a developmental risk. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 18(2), 121–132. <https://doi.org/10.1002/aps.1706>
- Lopes, B. S. N. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: Satisfação conjugal, intimidade e satisfação sexual* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93–109.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia: Revisão da Associação Portuguesa Psicologia*, 20(1), 97–126. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.379>
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21–33. <http://doi.org/10.5380/psi.v9i1.3283>
- Meier, A., & Allen, G. (2009). Romantic relationships from adolescence to young adulthood: Evidence from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *The Sociological Quarterly*, 50(2), 308–335. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.2009.01142.x>
- Melo, O., & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 18(4), 587–597. <http://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400002>
- Mônego, B. G., & Teodoro, M. L. M. (2011). A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. *Psico-USF*, 16(1), 97–105. <http://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100011>
- Moyeda, I. X. G., Velasco, A. S., & Ojeda, F. J. R. (2013). Relaciones entre estilos de amor y violencia en adolescentes. *Psicología desde el Caribe (Colombia)*, 30(2), 211–235.
- Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: A caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, 15(3), 609–627. <http://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300006>
- Nieder, T., & Seiffge-Krenke, I. (2001). Coping with stress in different phases of romantic development. *Journal of Adolescence*, 24(3), 297–311. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0407>
- Overbeek, G., Ha, T., Scholte, R., Kemp, R., & Engels, R. C. M. E. (2007). Brief report: Intimacy, passion, and commitment in romantic relationship – Validation of a ‘Triangular Love Scale’ for adolescents. *Journal of Adolescence*, 30, 523–528. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.12.002>
- Penna, E. M. D. (2010). A paixão na adolescência: um rito de iniciação. *Junguiana*, 28(1), 25–33.
- Pierce, G. R., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 1028–1039. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.1028>
- Reiner, I., Beutel, M., Skaletz, C., Brähler, E., & Stöbel-Richter, Y. (2012). Validating the German version of the Quality of Relationship Inventory: Confirming the three-factor structure and report of psychometric properties. *PLoS ONE* 7(5), e37380. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0037380>
- Ribeiro, J. L. P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação em adolescentes. *Análise Psicológica (Lisboa)*, 20(1), 67–75.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41–49. <http://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Rostosky, S. S., Galliher, R. V., Welsh, D. P., & Kawaguchi, M. C. (2000). Sexual behaviors and relationship qualities in late adolescence couples. *Journal of Adolescence*, 23, 583–597. <https://doi.org/10.1006/jado.2000.0345>
- Salerno, A, Tosto, M, & Antony, S. D. (2015). Adolescent sexual and emotional development: The role of romantic relationship. *Social e Behavioral Sciences*, 174, 932–938. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.714>
- Santos, R. C. S., Custódio, L. M. G., & Dias, M. B. (2017). *O amor e os relacionamentos na adolescência: Considerações psicanalíticas*. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1135.pdf>
- Schmitt, S., & Imbelloni, M. (2011). *Relações amorosas na sociedade contemporânea*. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, J. S., & Zechmeister, E. B. (2012). *Metodologia de pesquisa em Psicologia*. Grupo A.
- Simon, V. A., & Furman, W. (2010). Interparental conflict and adolescents’ romantic relationship conflict. *Journal of Research on Adolescence*, 20(1), 188–209. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00635.x>
- Singh, S., & Thomas, E. (2022). Interparental conflict and young adult romantic relationships: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse, OnlineFirst*, 1–18. <https://doi.org/10.1177/15248380221109787>
- Sousa, V. F. F., Nunes, M. L. S., & Machado, C. J. S. (2012). “Ficar é...”: Um código de relacionamento entre adolescentes. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 136–157.

- Sprecher, S., & Hendrick, S. S. (2004). Self-disclosure in intimate relationships: Associations with individual and relationship characteristics over time. *Journal of Social and Clinical Psychology, 23*(6), 857–877. <https://doi.org/10.1521/jscp.23.6.857.54803>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*(2), 119–135. <http://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a Triangular Love Scale. *European Journal of Social Psychology, 27*(3), 313–335. [http://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4](http://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4)
- Tronco, C. B., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: Iniciação sexual e gênero. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 5*(2), 254–269.
- Tyrell, F. A., Wheeler, L. A., Gonzales, N. A., Dumka, L., & Millsap, R. (2016). Family influences on Mexican American adolescents' romantic relationships: Moderation by gender and culture. *Journal of Research on Adolescence, 26*(1), 142–158. <https://doi.org/10.1111/jora.12177>
- Verhofstandt, L. L., Buysse, A., Rosseel, Y., & Peene, J. (2006). Confirming the three-factor structure of the Quality of Relationships Inventory within couples. *Psychological Assessment, 18*(1), 15–21. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.18.1.15>
- Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2010). *Conjugalidade e parentalidade: Estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos*. Projeto de pesquisa não publicado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- Walper, S., & Wendt, E. V. (2015). Adolescents' relationships with mother and father and their links to the quality of romantic relationships: A classification approach. *European Journal of Developmental Psychology, 12*(5), 516–532. <https://doi.org/10.1080/17405629.2015.1065727>

Data de submissão: 04/04/2022
Primeira decisão editorial: 01/07/2022
Aceite: 23/08/2022